

Viver “da arte” ou... “no meio artístico”? O caso de António José Vieira Júnior (Porto, séc. XVIII-XIX)

Agostinho ARAÚJO^{1*}

Resumo

Neste estudo de caso, procura-se documentar a longa persistência de vectores tradicionais nas estruturas de formação e produção artística. Recorrendo a métodos biográficos e de micro-história, é possível reconstituir, no Porto entre os finais de Setecentos e o difícil impacto transformador da criação da Academia de Belas Artes local em 1836, o fechamento do meio artístico e a grande influência dos laços de base familiar, quer na efectiva dimensão económica, quer na não menos decisiva gestão de imagem.

Abstract

In this case study we aim to document the long persistence of traditional vectors in art training and production. With biographical and micro-historical methodologies, we reconstruct the closing in of the art milieu and the significant influence of family-based ties, both in economic terms and in those of the equally important image management, as witnessed in Porto between the end of the 18th century and 1836, the year of the transformation brought on by the creation of the local Academy of Fine Arts.

Palavras-chave

Statuto social dos artistas – Porto – Séc. XVIII-XIX

Francisco Vieira ou Francisco Vieira Júnior, que viria também por vezes a assinar e sobretudo ser denominado *Vieira Portuense*, assim se distinguindo, no estrangeiro e no país, de Francisco Vieira [de Matos], o *Vieira Lusitano* (que viveu até 1783 e cuja justíssima fama de desenhador, pintor e gravador barroco, originada em Itália, chegara ainda a Espanha e Inglaterra), nasceu em 13 de Maio de 1765 na Rua de

^{1*} Investigador do Grupo “Memória, Património e Construção de Identidades” da Unidade FCT de I&D CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Via Panorâmica s/n, 4150-564 Porto, Portugal. Contacto: aaraujo@letras.up.pt.

Trás, com avós maternos da Rua do Paraíso e paternos da freguesia de Santa Maria de Tropeço, Bispado de Lamego².

Os seus pais, Domingos Francisco Vieira e Maria Joaquina, tiveram uma filha, Ana Paulina, nascida a 22 de Junho de 1767³. E tiveram ainda um outro filho, António José.

Além de droguista, Domingos Francisco Vieira ocupou-se de numerosos trabalhos de douramento, pintura religiosa e retratística.

Em Dezembro de 1767 e ainda em Junho do ano seguinte dourou ele um altar e um retábulo para a proeminente Santa Casa da Misericórdia do Porto⁴. E em Maio desse mesmo 1768, identificado como “pintor morador a porta do Olival da cidade do Porto”, contratou vários douramentos e envernizamentos com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, mas já da igreja do convento de S. Domingos de Guimarães, confiante nas suas capacidades “para melhor edificasam e veneração ha mesma senhora e suas funções”⁵.

Trabalhou ainda para a Irmandade dos Clérigos, perante cujo Secretário compareceu a 4 de Abril de 1793 (sendo já então denominado “professor de pintura”), pois se lhe havia “encomendado, por ordem da Meza, os dois Paineis de cobrir os S.^{tos} Padroeiros da Capella Mor no tempo da Paixão, por evitar o perigozo encomodo de as [imagens de S. Pedro e S. Filipe] descer todos os annos; e por elle me foi apresentado o rol da sua despeza e trabalho, q. tudo importava a q.^{ta} de nove mil e trezentos reis, com hum recibo no mesmo rol, em q. declara recebera a dita quantia de hum devoto, digo d’hum Bemfeitor particular, e q. asim nada por esta obra lhe devia a Irmand.^e (...)”⁶. Por outros serviços, também de pintura, receberia da mesma instituição 4\$800 réis cinco anos mais tarde⁷.

Em 1795, os pagamentos que o Senado da Câmara lhe fez pela destacada responsabilidade nos festejos comemorativos do nascimento do Príncipe da Beira confirmam (três anos após a morte de Glama) a sua crescente liderança no mercado da retratística, ao ser-lhe entregue a figuração dos membros da Família Real; mas,

² VALENTE, Vasco – “Pillement, mestre de Vieira Portuense”, *Museu*, vol. III. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 1944, p. 15.

³ SOARES, Elisa – “Vieira Portuense – Cronologia”, *Francisco Vieira Portuense, pintor europeu*. Exposição no Museu Nacional de Soares dos Reis (Comissário: José Alberto Seabra Carvalho). Catálogo. Lisboa: Instituto Português de Museus, Julho de 2001, p. 261.

⁴ MORAIS, Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de – *Pintura nos Séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, vol. II. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Agostinho Araújo). Porto: ed. de Autor (policop.), 2001, pp. 93-94.

⁵ OLIVEIRA, António José de – “A actividade de artistas portuenses em Guimarães (1685-1768)”, *Museu*, IV série, n.º 11. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 2002, p. 195.

⁶ COUTINHO, B. Xavier – *A Igreja e a Irmandade dos Clérigos. Apontamentos para a sua história*. Porto: Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1965 (colec. “Documentos e Memórias para a História do Porto”, XXXVI), p. 298.

⁷ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do Século XV ao Século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1964 (Colec. “Documentos e Memórias para a História do Porto”, vol. XXXIII), p. 539.

não menos, evidenciam as grandes quantias em que o fornecimento de materiais envolvia a sua loja⁸.

E atribuímos-lhe também, em 1799, uma muito rendosa intervenção de retoques nas quatro telas enviadas de Londres pelo Portuense e de cuja encomenda pela Ordem Terceira de S. Francisco fora intermediário⁹.

Um dos factos que melhor atestam a influência deste pintor e comerciante de materiais e ferramentas de arte é o de ter convencido o (sobretudo)¹⁰ requestado retratista João Glama Ströberle (n. 1708 em Lisboa mas filho de *Sebastiam Glama natural da Cidade Lamberg digo de Lamberg Reino de Bobemia*)¹¹ a aceitar como discípulo, para o estudo de figura, o seu filho Francisco¹².

Por parte do “romano”, tão protegido pelo culto teólogo e académico Fr. José Maria da Fonseca e Évora (1690-1752) não só quando Bispo do Porto mas já

⁸ Consulte-se, na íntegra, a respectiva documentação, cuja valia foi assinalada pela distinta Conservadora do M.N.A.A. e especialista da História do Mobiliário PINTO, Maria Helena Mendes – *José Francisco de Paiva. Ensamblador e Arquitecto do Porto (1744-1824)*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973, p. 84.

⁹ BRANDÃO, D. de Pinho – “Retábulos de Talha Dourada e Painéis de Igrejas e Capelas da Cidade do Porto. Apontamentos e Documentos para o seu estudo”, *Alguns Retábulos e Painéis de Igrejas e Capelas do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1963 (colec. “Documentos e Memórias para a História do Porto”, XXXII), pp. 257-261; e ARAÚJO, Agostinho – “Uma pintura de Joaquim Vilanova, com alguns subsídios de índole biográfica e crítica”, *I Congresso sobre a Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória. Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Actas, vol. I. Porto / Arouca: Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património / Universidade Católica Portuguesa - Centro Regional do Porto / Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 2002, pp. 132-133.

Sobre as condições, técnicas e económicas, da prática do restauro vd. ARAÚJO, Agostinho - “O restauro de painéis e a actividade de alguns pintores italianos em Portugal (ca. 1710-1860)”, *Nel mezzo del cammin - Actas da Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea* (Porto, 24-25 de Novembro de 2008). Organização de Francisco Topa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e Rita Marnoto (Instituto de Estudos Italianos da Universidade de Coimbra). Porto: Sombra pela Cintura, 2009, pp. 11-63.

¹⁰ A larga distância, fez também painéis sacros; e, ainda, alguma cenografia, participação em arte efémera e, até, risco de arquitectura. Desde os meados da década de 1990, Paula Mesquita Santos, Conservadora da área de Pintura do M.N.S.R., vem laboriosamente procurando (em continuada série de comunicações a reuniões científicas e textos) localizar, documentar e analisar a retratística e a pintura sacra de Glama, valorizável, mau grado as notórias oscilações de qualidade, no limitado panorama da disciplina que o Porto – bem diferentemente do que ocorria nas da arquitectura e talha, sobretudo – podia apresentar na segunda metade de Setecentos. Honestamente, porém, não tem deixado de reconhecer os obstáculos a uma discussão formal mais desenvolva (face à filiação romana do artista e no contexto nacional do seu tempo, designadamente), tais como o estado de conservação das peças, as escassas assinaturas e datas, a falta de documentação sobre programas iconográficos pretendidos e, em geral, os poucos elementos sobre os proprietários (encomendantes ou aquirentes), à época.

¹¹ ARAÚJO, Agostinho Rui Marques de – *Experiência da Natureza e Sensibilidade Pré-Romântica em Portugal. Temas de pintura e seu consumo (1780-1825)*, vol. II. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Carlos Alberto Ferreira de Almeida). Porto: ed. de Autor (polic.), 1991, p. 223.

¹² TABORDA, José da Cunha – “Memória dos mais famosos Pintores Portuguezes, e dos melhores Quadros seus que escrevia o Traductor (...) Pintor ao Serviço de S. A. R. o Príncipe Regente Nosso Senhor [1815]”, *Regras da Arte da Pintura, Com breves Reflexões Criticas sobre os caracteres distinctivos de suas Escolas, Vidas, e Quadros de seus mais célebres Professores. Escritas na Lingoa Italiana por Michael Angelo Prunetti*, 2.^a edição. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922, p. 265; e MACHADO, Cyrillo Volkmar, *Collecção de Memorias, relativas ás vidas dos Pintores, e Escultores, Architetos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas, e ordenadas por (...), Pintor ao serviço de S. Magestade o Senhor D. João VI [1823]*, 2.^a edição (anotada por J. M. Teixeira de Carvalho e Vergílio Correia). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922, pp. 108 e 111.

bem antes¹³, tratou-se de uma abertura deveras excepcional. E talvez apenas algo precedida pela proximidade dada ao decorador (um dos “pintores da opera” em 1760)¹⁴ - mas também autor de uma *Nossa Senhora das Dores...*, vista pelo Cardeal Saraiva em Tibães¹⁵ - João André Chiappe (act. ainda em 1818), de família italiana, seu futuro biógrafo¹⁶.

A 12 de Janeiro de 1792, no velho burgo portuense, “pelas 8 horas da tarde falescô de huma Malina o afamado pintor Glama”¹⁷.

O renome do retratista era em verdade popular; e nada melhor o inculca que um dos escabrosos sonetos do vimaranense António Lobo de Carvalho (1730?-1787), o implacável *Lobo da Madragoa*. Consagrado a uma (das várias da sua galeria...) “endiabrada freira do Porto, muito conhecida por suas laboriosas proezas” e sendo o segundo que lhe merecia, era assim dirigido “À mesma, mandando retratar-se pelo Glama, célebre pintor do Porto”:

“Mandou Terência chamar Glama um dia

Para que o seu retrato lhe fizesse,

Porém que de tal sorte a descrevesse,

Que Vénus desbancasse em bizzaria

¹³ “No ano de 1734 stando em Lisboa minha Patria a studar de baixo da direção do Snr. Francisco Vieira ecelente pintor e tendo empregádo seis annos con varios mestres fui stimulado do Snr. Caetano Páce Romano scultor de vir a Roma eu desejozo do meu aumento fis con meu Pai me déssem licenza e o sustento necessario e tudo consegui falei con o Snr. Francisco Vieira para que mi avizasse quem era o melhor pintor pois não me fiava na minha openião que sem duvida erraria se quisesse fiarme de apparencia e stimação que dão os principes s Snrs que muitas vezes premeião quem menos merece pois conhecem a virtudes pellas orelhas. finalmente parti de Lisboa e cheguei a Roma a 18 de Outubro 1734 e fui ao dito Benefial a studar donde stive sette annos e gozava o Patrocinio do P.º R.ºmº Frei José d’Evora Ministro del Rei nesta corte con a morte de meu Pai e a hida do dito P.º a Lisboa fui obrigado de hir a Lisboa a ordem e custo do dito P.º e stive dous meses e tornei a Roma a mesma e custa do Snr. Alexandre de Gusmão com a condição de studar con Masuci neste modo foi preciso segundar a vontade destes Snrs.” – cf. VITORINO, Pedro – *Álbuns de Artistas*. Guimarães: s/n [Sociedade Martins Sarmento], 1943 (sep. da *Revista de Guimarães*, vol. LIII, nº 1-2), pp. 8-9.

¹⁴ Ou seja, os trabalhos a que se applicaram também, pagos pela Câmara e sob a direção de José Regioli: Domingos Teixeira Barreto, Veríssimo Nunes, Carlos Romani, José dos Santos Cartaxo, entre outros; tratava-se da adaptação da cocheira do Palácio do Duque de Lafões, no Corpo da Guarda, a uma “Casa da Ópera”, no âmbito dos festejos pelo casamento da Princesa D. Maria com seu tio o Infante D. Pedro - cf. BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do Século XV ao Século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1964 (Colec. “Documentos e Memórias para a História do Porto”, vol. XXXIII), pp. 62-63. O risco pertencera a João Glama - cf. IDEM – “Falam Velhos Manuscritos – De um Teatro Lírico nas cocheiras do Duque de Lafões / O Teatro Lírico do Corpo da Guarda / Como se adaptou uma cocheira a Teatro Lírico / Quem viu primeiro «ópera» e «operantes»: o Porto ou Lisboa?!...”, *O Primeiro de Janeiro*. Porto: 27 de Maio e 3 de Junho de 1932, pp. 1; 18 de Agosto de 1950, pp. 1 e 5; e 22 de Maio de 1959, pp. 1 e 5.

¹⁵ [SARAIVA, D. Fr. Francisco de São Luís] – *Lista de Alguns Artistas Portuguezes colligida de escriptos e documentos pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Conde (...) no curso de suas leituras em Ponte do Lima, no anno de 1825, e em Lisboa no anno de 1839*. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1839, p. 39.

¹⁶ ARAÚJO, Agostinho - “Breve apontamento para uma biografia de João Glama Ströberle”, *Museu*, IV série, n.º 1. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 1993, pp. 185-186.

¹⁷ Biblioteca Pública Municipal do Porto, Ms. 62, s/fl.

O pintor, que o seu génio conhecia,
 Porque o empenho melhor satisfizesse,
 Pintou-a fornicando; mas parece
 Que inda mais expressivo o pretendia:

Vai ele, pinta um frade franciscano,
 Vermelho qual um cravo de Arrochela,
 Com uma porra maior que o Vaticano;

Pinta a freira adorando-a da janela,
 O *non plus ultra* escrito sobre o cano,
Ad perpetuam rei memoria nela”¹⁸.

Também na corte, nos meados de 1795, não se esquecera verdadeiramente qual a origem dos primeiros apoios económicos à formação do Portuense no estrangeiro: “Se o Portuêz Francisco Vr.^a alcançou a Mezada q. VM me diz, estimo munto o seu bom Sucesso, e não sey quem concorreu p.^a elle; sey sim que tem bastante merecimento, segundo aqui se diz; e que he despido de toda a vaidade, querendo sempre aprender dos milhores, e não ensinar a todos: Elle não foy á custa de S. Mag.^e, e creyo que alguns Homens de Negocio do Porto lhe assistiram por conhecerem o seo bom genio, e natural inclinaçãõ”¹⁹.

Mais tarde, a carta dirigida por Domingos, a 8 de Abril de 1797, ao principal mecenas do seu filho pensionado, D. João de Almeida de Melo e Castro, futuro 5.º Conde das Galveias, mostra bem o cuidadoso cumprimento das normas reverenciais: “Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor / Vai meu filho Francisco Vieira concluindo finalmente o giro das suas viagens; ecom a certo, antes que se Restituisse á minha Companhia, quis hir prezêtar-se a V. Ex.^a, aquem eu mesmo confesso dever elle beneficios demaior extençãõ, demais uteis consequencias, eaté mais generozos doque os que medeve amim proprio.

Assim oexpresso com aeficacia, que mehé possivel na ecluza ao d.^{to} Viajante; não tanto para avivarlhe ajusta gratidãõ, com que da sua parte deve contrresponder á quelles relevantissimos favores, e aos que nachegada desta me porsuadome estará novamente Recebendo da costumada bondade e grandeza de V. Ex.^a debaixo do Abrigo do seu Palacio pois que a indole, deste meu filho senão me engana o amor paternal, pouco necessita dos meus avizos neste ponto q.^{to} p.^a que, accumulando elle as minhas ás suas

¹⁸ COSTA, António Péricles da; e COSTA, Isabel Maria da – *Os Melhores Autores da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica do Séc. XVIII*. S. Paulo: Edições Planeta, 1964, pp. 79 e 80.

¹⁹ Carta de João António Pinto da Silva (Paço da Ajuda, 15 de Junho de 1795) a Domingos António de Sequeira (Roma) – cf. CARVALHO, J. M. Teixeira de – *Domingos António de Sequeira em Itália (1788-1795). Segundo a correspondência do Guarda-Jóias João António Pinto da Silva*. Anteprefácio de Manoel de Sousa Pinto. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922, p. 175.

obrigaçoes, e considradon-se tambem nomeu lugar, beije mil vezes, e de joelhos em meu nome as bemfeitoras mãos de V. Ex.^a, portestando-lhe com todas as veras q se seu Pajj não está naclace daquelles, que possaõ competir em generozidade com V. Ex.^a, seisso he possivel a alguem; pertemce sertamente á dos q admiraõ as suas grandes virtudes, emtre as quaes tem hum dos primeiros lugares ada beneficencia e proteçaõ p.^a com os Artistas, que travalhãõ por se distinguir; que em mim ha hum fraco, mas constante pregoeiro destas raras qualidades; eq emfim eu sou e serei sempre com omiais profundo Respeito / De V. Ex.^a / Humildisimo e odedienticimo Servo / (...) / Domingos Fr.^o vr.^a²⁰.

A 5 de Junho de 1804 é António José Vieira Júnior quem, na qualidade de procurador do Portuense, presta juramento como Lente da Aula de Desenho, já incorporada desde 9 de Fevereiro do ano anterior na Real Academia de Marinha e Comércio do Porto²¹.

Outro laço familiar, menos próximo mas não menos interessante (sobretudo por vigorar durante pelo menos duas décadas e meia após a perda do pai e do irmão), teve António José com o pintor Joaquim Rafael, ligado aos Vieiras pela formação e logo, também, pelo casamento.

Joaquim Rafael Rodrigues nasceu igualmente no Porto, ao Arco de Vandoma, em 3 de Fevereiro de 1783.

Segundo uma informação oral que foi passando com credibilidade, o pai, Bento José Rodrigues, seria cocheiro de D. Fr. João Rafael de Mendonça²², o notável Bispo do Porto (1771-1793) que profundamente remodelou o Paço Episcopal²³; e, dando consistência àquela tradição, ficou registado pelo Pároco da Sé no seu assento de baptismo que “foi padrinho o Reverendissimo José Victorino e assistiu José Fructuoso, familiar do Senhor Bispo”²⁴.

“Aos 11 annos de idade foi para a porta do Olival para casa de Domingos Francisco Vieira (...), e pela sua muita habilidade conseguiu ser o discipulo predilecto, trabalhando sempre no gabinete particular do mestre”²⁵. E em 23 de Novembro de 1802, a cerca de dois meses e meio de completar vinte anos, matriculou-se na Aula de Desenho (patrocinada pela Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro), “na classe de discipulo extraordinario, sendo então professor substituto da aula, Domingos Francisco Vieira (...)”²⁶.

²⁰ COSTA, Luiz Xavier da – *Documentos relativos aos alunos que de Portugal foram para o estrangeiro estudar Belas-Artes e Cirurgia, com protecção oficial, nos decénios finais do século XVIII. Coligidos e publicados por (...)*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1938, p. 53.

²¹ [MACHADO, Adriano Abreu Cardoso] – “Memoria Historica da Academia Polytechnica do Porto”, *Annuario da Academia Polytechnica do Porto. Anno lectivo de 1877-1878*. Porto: s/n [Typographia Central], 1878, p. 279.

²² LIMA, Henrique de Campos Ferreira – *Joaquim Rafael pintor e escultor portuense. Breves notas biográficas e compilação dos seus escritos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1923, p. 2.

²³ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Bispos do Porto – retratos*. Porto: Diocese do Porto, 1992, p. 30.

²⁴ LIMA, Henrique de Campos Ferreira – *Ob. cit.*, p. 3.

²⁵ [CARNEIRO, Manuel José] – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”, *Periodico dos Pobres*, anno 23.^o, III série, n.^o 7. Porto: 8 de Janeiro de 1856, p. 27.

²⁶ [SANTOS, João José dos] – *Biographia Artistica de Joaquim Rafael Primeiro Pintor da Corte e Camara, e das Obras do Real Paço d’Ajuda, Professor Proprietario da Aula de Desenho Historico na Academia das Bellas*

Cerca de vinte e seis meses depois, no dia do seu vigésimo segundo aniversário, Joaquim Rafael casou-se com Maria Francisca da Purificação, sobrinha do mesmo seu mestre Domingos Francisco Vieira²⁷, falecido em Agosto de 1803²⁸, pelo que ficou a dirigir a oficina da Porta do Olival²⁹.

Seria esta, afinal, a única solução possível, dadas as obrigações do Portuense em Lisboa e, logo, a sua doença e falecimento no Funchal, a 2 de Maio daquele ano de 1805³⁰.

E, diante, por outro lado, das limitações de António José; o que não exclui que este pudesse assegurar a vertente comercial da casa e até alguns trabalhos de menor conta, designadamente a pintura do escaler ao serviço da Academia de Marinha e Comércio. Esta actividade documenta-se até 1807, sendo retomada cinco anos depois³¹.

E, entretanto, em data desconhecida mas por certo não afastada da morte do irmão, requereu superiormente a concessão de emprego público, justamente usando o argumento do parentesco com o 1.º Pintor de Câmara e Corte e face a responsabilidades familiares emergentes: “Senhor / Dis, Antonio José Vieira da Cidade do Porto, que por falecimento de Francisco Alvaro Pinto da Fonceca vagou o officio de Escr.^{am} do Expediente, Intendência, e Ouvidoria da Alfandega da mesma Cidade; e por que o Supp.^{te} por morte de seu irmão Francisco Vieira primeiro pintor da Corte, e Lente da Aulla de desenho da d.^a Cidade ficou sustentando sua maiy, e fazendo só as despesas da Caza que athe li supria, o d.º seu Irmão, e não são suficientes os meios, que tem para concorrer com aquelle onus, e tem toda a aptidão, intelligência, e probid.^e para dignamente dezempenhar as obrigaçoens inherentes aquelle d.º seu Irmão, recorre a V. A. R. a fim de que haja por bem provir o Supp.^{te} no d.º officio visto estar vago, e nelle concorrerem todos os rrequisitos nisscessarios. / S. A. / se digne assim a haver por bem / E. R. M.^{ce}”³².

É também daquele ano de 1807 (Outubro) uma das raras notícias da ligação de António José Vieira a obra sacra, um painel do *Senhor da Redenção* que fez, além da

Artes de Lisboa, Cavalleiro da Ordem de Christo, etc. Lisboa: s/n [Na Typographia de G. M. Martins], 1868, p. 5.

²⁷ [CARNEIRO, Manuel José] – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”, *Periodico dos Pobres*, anno 23.º, III série, n.º 7. Porto: 8 de Janeiro de 1856, p. 27.

²⁸ SOARES, Elisa – “Vieira Portuense – Cronologia”, *Francisco Vieira Portuense, pintor europeu*. Exposição no Museu Nacional de Soares dos Reis (Comissário: José Alberto Seabra Carvalho). Catálogo. Lisboa: Instituto Português de Museus, Julho de 2001, p. 284.

²⁹ [CARNEIRO, Manuel José] – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”, *Periodico dos Pobres*, anno 23.º, III série, n.º 7. Porto: 8 de Janeiro de 1856, p. 27.

³⁰ A primeira publicação do assento de óbito é devida a VITORINO, Pedro – “Notas Artísticas e Arqueológicas. Vieira Portuense. Protecção aos Monumentos e Museu Soares dos Reis”, *Lusa*, vol. I, n.º 22. Viana do Castelo: 1918, p. 175.

³¹ SOARES, Elisa – “Vieira Portuense – Cronologia”, *Francisco Vieira Portuense, pintor europeu*. Exposição no Museu Nacional de Soares dos Reis (Comissário: José Alberto Seabra Carvalho). Catálogo. Lisboa: Instituto Português de Museus, Julho de 2001, p. 284.

³² A. H. U., *Reino*, Cx. 27, Pasta 36.

pintura de dois altares, para a Secretaria da Trindade, quando ali trabalhava, note-se, Manuel Moreira da Silva³³.

E pela mesma altura (1807-1808) surge como dourador, revestindo, por 28\$000 rs., a caixa do órgão (já desaparecido), devida também a Moreira da Silva, da sua igreja paroquial de Nossa Senhora da Vitória³⁴.

Manuel Moreira da Silva executou toda a obra de marcenaria e talha do edifício da Feitoria Inglesa (ca. 1790)³⁵; o retábulo-mor da igreja de São Lourenço (1794-95)³⁶; o da igreja da Ordem Terceira de São Francisco, riscado pelo arquitecto António Pinto de Miranda (1795-96); o da capela-mor e os do transepto (além da sanefa do arco cruzeiro) da igreja do convento de Santa Clara de Vila do Conde (1798-1800)³⁷; o da igreja da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, cujo desenho foi corrigido por Carlos Amarante (1804); o frontal, castiçais e tocheiros da capela-mor do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (1804-05); ...

Em Março de 1838 recebeu 12\$320 rs. “por riscar as grades” do pioneiro Cemitério da Lapa³⁸. E nesse mesmo ano, fazendo jus a essas qualidades de tracista, amplamente demonstradas, já surge como o primeiro Professor Substituto de Architectura Civil e Naval que houve a novel Academia Portuense de Belas Artes, sendo Lente Joaquim da Costa Lima Júnior³⁹.

Apesar de Joaquim Rafael ter enviuvado em 13 de Dezembro de 1810⁴⁰, não desapareceu por certo o relacionamento com António José Vieira Júnior, seu primo por afinidade.

E não contava pouco então, nas condições do gosto dominante no meio portuense, aquele nome. Muito antes da popularidade conquistada entre 1820 e 1823 com intervenções contínuas na Arte Efémera que a agitação política promoveu, já ao entrar nos trinta anos de idade mereceu ele a confiança da Ordem Beneditina, em matéria do maior significado.

³³ COUTINHO, B. Xavier – *História Documental da Ordem da Trindade*, vol. II. Porto: Edição da Ordem da Trindade, 1972, p. 434.

³⁴ SMITH, Robert C. – “O Órgão da Venerável Ordem de S. Francisco do Porto”, *O Tripeiro*, VI série, ano V, n.º 4. Porto: Abril de 1965, p. 103.

³⁵ TAYLOR, René – “The Architecture of Port Wine”, *The Architectural Review*, vol. CXXIX, n.º 772. Westminster: June 1961, p. 392.

³⁶ GONÇALVES, Flávio – “A primeira grande síntese sobre a talha portuguesa – 3”, Suplemento *Cultura e Arte de O Comércio do Porto*. Porto: 10 de Março de 1964, s/p (nota 3); e FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – “O Colégio de S. Lourenço. Alguns documentos para a história da Igreja dos Grilos”, *O Tripeiro*, VI série, ano VIII, n.º 8. Porto: Agosto de 1968, p. 227.

³⁷ VASCONCELOS, Flório de – “Talha neoclássica do Entre-Douro-e-Minho: introdução a um estudo indispensável”, *Poligrafia*, vol. IV. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1995, p. 138.

³⁸ QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a Arte Funerária Oitocentista em Portugal. Consolidação da Vivência Romântica na Perpetuação da Memória*, vol. I, tomo I. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Agostinho Araújo). Porto: Ed. de Autor (polic.), 2002, p. 299.

³⁹ *Directorio Civil, Politico e Commercial da Antiga, Muito Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya, 1838*. Porto: s/n [Typ. Commercial Portuense], 1838, pp. 57-58.

⁴⁰ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – “Joaquim Rafael. Novos documentos para a sua biografia”, *O Tripeiro*, V série, ano VII, n.º 7. Porto: Novembro de 1951, p. 162.

No triénio de 1813-1816, “(...) fez-se a grande colecção de pinturas que se acha em Tibães, que se deve ao génio do Mestre Companheiro Fr. António de Jesus Maria Amorim, fazendo-se por sua influência, não só a casa que hoje se vê, mas comprando-se muitas pinturas e estampas e todo o adorno delas e da mesma casa.

Deu motivo a isto uma herança que teve a Congregação, de José Teixeira Barreto, natural do Porto, que, tendo sido leigo nosso, se desfradou e foi para Roma aperfeiçoar-se na pintura, cuja arte já d’antes exercia com merecimento. Este homem, estando para morrer, deixou à Congregação todas as suas pinturas, que eram muitas, e, além destas, as que ele tinha trazido de Roma ou lá copiado.

Com esta herança se principiou a colecção; juntaram-se-lhe as que já havia em Tibães de merecimento, procuraram-se pelos mosteiros outras semelhantes e se mandaram conduzir para ali; houve alguns particulares que também concorreram com alguma; e, finalmente, compraram-se muitas com dinheiro da casa.

Fez toda esta escolha e a colocação delas o pintor Joaquim Rafael, natural do Porto”⁴¹.

Joaquim Rafael ascendeu a Primeiro Pintor da Câmara e Corte por decreto de 20 de Junho de 1825, “com o vencimento annual de hum conto de reis”⁴², sendo por isso ele a ocupar finalmente - registe-se... - o cargo que estava vago há duas décadas, desde a morte de Vieira Portuense, primo da sua primeira mulher, como vimos.

Ficava assim o mercado local e nortenho mais livre para o seu competidor directo, sete anos mais novo, senhor de outros talentos, formação (fora discípulo preferido de Sequeira, não se esqueça)⁴³, cultura profissional e política, sem perda, porém de uma combatividade transmontana a raiar por vezes a truculência: “*Protestação do Aprendiz de Pintor*: Em nome da verdade e dos Mestres da Arte: *Amen*. – Saibaõ quantos esta Protestação virem que, movido unicamente do Bem Publico, e das regras estabelecidas pelos Srs. Mestres, e sem outro fim mais que o fazer constar por esse mundo, que ha

⁴¹ SOUSA, D. Gabriel de – “Escólios Camilianos. José Teixeira Barreto - Fr. José da Apresentação (1763-1810) e a Galeria de Pintura de Tibães”, *O Tripeiro*, VI série, ano XI, n.º 9. Porto: Setembro de 1971, p. 279.

⁴² VITERBO, Sousa – *Noticia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa por (...) seu Socio Correspondente*, Terceira Serie (publicação posthuma). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911, p. 139.

⁴³ Menos de dois anos depois, da sua residência no auto-imposto exílio, “Via dei Conduite n.º 56”, asseveraria, ao “Professor da Real Academia de Desenho na cidade do Porto”, o antigo mestre e immediato sucessor do rival Portuense na direcção desse ambicioso projecto: “Meu presadissimo e amado Joaõ Baptista Ribeiro / Na occasião em que parte o Ill.^{mo} Senhor Joaõ Allen para essa Cidade, e tendo feito aqui a compra de alguns quadros, e esbocetos, e supondo que no seu desembarque possa ter soffrido algum damno, por cujo motivo, e não podendo eu em pessoa obsequialo, lhe offereci pessoa que fizesse as minhas vezes em assistir a tudo quanto seja necessario para qualquer reparação que seja precisa; e confiando só no meu João Baptista, tanto na sua amisade e talentos, me persuado que serei plenamente satisfeito no obsequiar o Ill.^{mo} Senhor Joaõ Allen, e na renovação da amisade e acatamento que conserva por mim, lembrando-lhe que em tudo que me queira occupar aqui em Roma, sempre, sempre achará o mesmo que fui, e tenho sido e serei para com o meu predilecto Joaõ Baptista Ribeiro, o seu maior amigo / D. A. de Sequeira” – carta de Domingos António de Sequeira (Roma, 24 de Abril de 1827) a João Baptista Ribeiro (Porto), cf. COSTA, Luiz Xavier da – *Cartas do pintor Sequeira, da filha e do genro, depois da emigração de 1823. Publicadas por (...)*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1940 (sep. do “Arquivo Histórico de Portugal”, vol. IV, financiada pela A.N.B.A.), p. 46. Sobre os inícios do registo historiográfico da rivalidade entre Sequeira e o Portuense vd. ARAÚJO, Agostinho – “Vieira por Cyrillo. Primeiro esboceto (1804-1810)”, in *Francisco Vieira Portuense, pintor europeu*. Exposição no Museu Nacional de Soares dos Reis (Comissário: José Alberto Seabra Carvalho). Catálogo. Lisboa: Instituto Português de Museus, Julho de 2001, pp. 94-101.

nesta Cidade Regeneradora aprendizes que já começaõ a lêr e a rabiscar em materia de *Invenção* e *Composição* pittoresca, e que já, a seu modo, vaõ percebendo o que he mister saber-se para arranjar modélos de Monumentos publicos; naõ obstante nossa acanhadissima condição de aprendiz, e o espalhafato que ora estaõ fazendo nesta cidade mestros de enche-maõ; que tivemos hum relampago de folga para ir ao canastro das obras desses bichos de chaves: e outrosim protestamos, á face de Deos e dos homens, que folgaremos muito, entanto que o Governo determine que se faça hum Monumento de arbitrio que perpetue a memoria de todos os Cooperadores da Regeneraçãõ; e se tal acontecer, como desejamos, mostraremos entãõ no Publico hum plano adaptado a taes circunstancias para mais decididamente se conceder a imparcialidade do nosso caracter de *Aprendiz de Pintor*. Porto 11 de Agosto de 1821⁴⁴.

Tãõ proeminente cargo e funções anexas só poderiam bem depressa favorecer a numerosa família de Joaquim Rafael.

Do primeiro casamento houve ele um filho e duas filhas⁴⁵, cujo parto da última foi causador da morte da mãe⁴⁶; e do segundo, mais nove descendentes⁴⁷, entre os quais Balbina (n. 31 de Março de 1817), Urbano (n. 27 de Julho de 1818) e Bernardo (n. 3 de Outubro de 1819)⁴⁸.

Após a nomeação, requer autorização em Outubro (que lhe foi concedida)⁴⁹ para ir buscar ao Norte os familiares: “Senhor – Dis Joaquim Raphael a quem V. Magestade acaba de conferir a Graça de primeiro Pintor da Real Camara, empregado presentemente no serviço da Real obra, que sendo-lhe necessario transportar da Cidade do Porto a sua família para mais livre de cuidados e incomodos poder dedicar-se ao exacto cumprimento dos seus deveres; pertende por isso que V. Magestade lhe conçeda trinta dias de licença, visto que os trabalhos de pintura de que se acha encarregado lhe dão espaço para o poder fazer sem o menor atrazo na sua prompteficação. P. a Vossa Magestade lhe faça a Graça, que pede em attenção aos justos motivos que expõe E. R. M.^{cc} – Joaquim Rafael”⁵⁰.

E pouco mais de dois anos e meio volvidos sobre esta radicação na capital o primogénito de Joaquim Rafael foi nomeado seu Ajudante: “Senhor. – Com toda a

⁴⁴ [RIBEIRO, João Baptista] - “Correspondencia. Observaçõens que faz hum aprendiz de Pintor ao Folheto intitulado = Descrição d’hum modélo para o Monumento mandado fazer na cidade do Porto por Portaria da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, de 23 de Dezembro de 1820, delineado pelo Portuense *Joaquim Rafael*, Pintor de Historia / Concluem as Observaçõens d’hum Aprendiz de Pintor”, *Patriota Portuense*, n.º 209. Porto: s/n [Na Typ. de Viuva Alvarez Ribeiro & Filhos], 4 de Setembro de 1821, s/p [3-4].

⁴⁵ [CARNEIRO, Manuel José] – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”, *Periodico dos Pobres*, anno 23.º, III série, n.º 7. Porto: 8 de Janeiro de 1856, p. 27.

⁴⁶ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – *Art. cit.*, p. 162.

⁴⁷ [CARNEIRO, Manuel José] – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”, *Periodico dos Pobres*, anno 23.º, III série, n.º 7. Porto: 8 de Janeiro de 1856, p. 27.

⁴⁸ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – *Art. cit.*, p. 162.

⁴⁹ COSTA, Luiz Xavier da – *O Ensino das Belas-Artes nas Obras do Real Palácio da Ajuda (1802 a 1833). Memória apresentada à Academia Nacional de Belas-Artes*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1936, p. 50.

⁵⁰ VITERBO, Sousa – *Noticia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa por (...) seu Socio Correspondente*, Terceira Serie (publicação posthuma). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911, pp. 139-140.

submissão se lança aos Reaes Pes de V. Mag.^{de} Antonio Rafael Rodrigues, Ajudante do primeiro Pintor da Real Camara e Corte Joaquim Rafael, a depozitar nas Reaes mãos da Augusta Pessoa de V. Mag.^{de} simples documentos que prova do supplicante a verdadeira Fidelidade e Amor a V. Mag.^{de} como seu legitimo Soberano, o que mostrou pelos documentos N. 1 e 2 assim como do prestimo que o Supplicante tem lugar em que hé empregado, documento N. 3 e 4 unido com toda a humildade e respeito a estes documentos a suplica ao Magnanimo Coração de V. Mag.^{de} a confirmação do lugar e o vencimento de oitocentos reis diarios, com que foi Despachado em data de doze de Fevereiro de 1828; attendendo a que V. Mag.^{de} tem concedido a mesma graça de hum ajudante aos Primeiros Pintores da Real Camara e Corte como mostrarão documentos N. 5 e 6 e visto que o Supplicante se delengenceia o melhor serviço para V. Mag.^{de} no lugar em que hé empregado Digne-se V. Mag.^{de} por Especial graça attender á supplica de hum vassallo Portuguez que aos ceos roga prospere a Percioza vida de V. Mag.^{de} para vida dos verdadeiros Portuguezes. E. R. M.^{ce}⁵¹.

Em 7 de Julho de 1829, Joaquim Rafael, “Primeiro Pintor da Camara e Corte”, elabora na “Real Obra d’Ajuda” uma *Rellação dos Estudantes que tem entrado para esta Academia de S.^m Miguel*, a pedido dos superiores hierárquicos:

“Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Tenho a distincta honra de poder levar á presença de V. Ex.^a o mappa incluso de meus discipulos que me foram mandados pelos Sub-Inspectores Duarte José Fava e Antonio Francisco da Rosa, já fallecidos, para eu educar em diversos ramos das Bellas Artes, em cujo mappa mostro o estado dos mesmos discipulos, e o destino que tomaram alguns d’elles para serviço da Real Obra onde se acham empregados; igualmente mostro, por me recommendar o Regulamento do Estudo, a fidelidade dos mesmos discipulos que teem a Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. Miguel I não só por ser Nosso Legitimo Rey, mas até lhes ter o mesmo Augusto Senhor liberalizado huma beneficencia digna de Seu Real Coração para resultar a seus filhos huma melhor vida; omitto, Ex.^{mo} Sr., o cuidado e diligencias minhas feitas a bem dos referidos discipulos, dirigida no intervallo de meus trabalhos que sou encarregado, que mais vantagens teriam feito, se não fosse o muito interromptimento que pelas circumstancias da Real Obra e Serviço Militar os obriga a não poderem estudar effectivamente; comtudo os seus trabalhos lhe farão o merecido elogio, e nos meus cuidados prova de que só desejo fazer bom serviço a Sua Magestade Fidelissima e que nada mais ambiciono. – Deus Guarde a V. Ex.^a de quem sou subdito – Joaquim Rafael. - Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Francisco Antonio Raposo”⁵².

E, na verdade, nada nos surpreende que do dito mapa constassem, com a data de admissão e o respectivo vencimento diário, dois dos numerosos membros da prole rafaelina:

“Bernardo Rafael – 30 de Março de 1829 – Dezenho de figura e Geometria – Attendendo á sua menoridade, tem algum merecumento – 160 rs.

⁵¹ VITERBO, Sousa – *Noticia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa por (...) seu Socio Correspondente*, Terceira Serie (publicação posthuma). Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911, pp. 148-149.

⁵² [FREIRE, Anselmo Braamcamp; e PESSANHA, José da Silva] - “Instituto de S. Miguel”, *Archivo Historico Portuguez*, vol. I. Lisboa: s/n [Typ. Calçada do Cabra – 7], Agosto de 1903, p. 267.

Urbano Rafael - 30 de Março de 1829 – Desenho de figura e Geometria – Attendendo á sua menoridade, tem algum merecimento – 160 rs.”⁵³.

Em 25 de Outubro de 1836 o decreto fundador da Academia Real de Belas Artes de Lisboa nomeia Joaquim Rafael Professor da Aula de Desenho; mas contempla ainda o já citado filho António Rafael Rodrigues, com o lugar de Artista da 4.ª Classe Agregado à Aula de Pintura de Paisagem e Produtos Naturais⁵⁴.

Balbina Rafael entregou-se também à actividade artística, participando desde 1843 e do ano seguinte, respectivamente, nos certames da Academia e da Sociedade Promotora da Indústria Nacional.

A sua especialização em produzir flores de cera valer-lhe-ia em 1849 o diploma de Académica de Mérito, mas não sem que quatro anos antes o progenitor lhe promovesse a obtenção de determinante certificado: “Para satisfação das Senhoras que se dedicão ás Bellas Artes publicamos o documento seguinte:

Sendo examinado pela Academia das Bellas Artes de Lisboa, em conferencia ordinaria de 23 do corrente, um ramo composto de varias flôres em cêra, feito pela sr.^a D. Balbina Emilia Raphael, apresentado por seu Pai o sr. Joaquim Raphael, Professor da mesma Academia, e desejando o dito Professor que a conferencia fizesse um juizo artistico e imparcial acerca do modo porque se acha desempenhada aquella obra, e o mandasse exarar por escripto, afim de poder servir de documento á Authora:

Depois do mais attento exame feito pelos Professores da Academia, concordarão estes unanimemente que o mencionado ramo se acha desempenhado com summa perfeição, graça e esmero, sendo as differentes flôres de que é composto, a mais exacta e completa imitação da natureza, não deixando por consequencia cousa alguma a desejar neste genero.

O que se faz constar por ordem da sobredicta Academia. Academia das Bellas Artes de Lisboa em 23 de julho de 1845. O Professor substituto da Architectura servindo de secretario, *José da Costa Sequeira*⁵⁵.

Pelos finais da década de 1860, quando o gravador, bibliotecário da Academia Real de Belas Artes de Lisboa e dedicado auxiliar de Raczyński⁵⁶ publicou o esboço biográfico de seu pai, era directora e proprietária do Colégio e Pensionado de Meninas estabelecido na Rua do Jardim do Regedor, ao Passeio Público⁵⁷.

Mas outras figuras, numa área bem restrita mas decisiva, terá muito provavelmente conhecido António José Vieira.

⁵³ [FREIRE, Anselmo Braamcamp; e PESSANHA, José da Silva] - “Instituto de S. Miguel”, *Archivo Historico Portuguez*, vol. I. Lisboa: s/n [Typ. Calçada do Cabra – 7], Agosto de 1903, p. 271.

⁵⁴ ALDEMIRA, Luís Varela – *Um Ano Trágico. Lisboa em 1836. A propósito do Centenário da Academia de Belas Artes. Impressões. Comentários. Documentos*. Lisboa: edição do Autor, subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura [Depositário: La Bécarre – Emílio de Moraes, Lda.], 1937, p. 208.

⁵⁵ LIMA, H. C. Ferreira – *Joaquim Rafael pintor e escultor (...)*, *Ob. cit.*, pp. 42-43.

⁵⁶ “Il m’a accompagné dans les voyages que j’ai faits dans les provinces, m’a assisté de mille manières dans mes recherches, m’a fourni beaucoup de renseignements, et a exécuté pour moi des dessins et plusieurs gravures” – cf. RACZYNSKI, A. - *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal pour faire suite à l’ouvrage ayant pour titre: Les Arts en Portugal. Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin accompagnées de documens. Par Le Comte (...)*. Paris: Jules Renouard et C.^{ie}, Libraires-Éditeurs, et Commissionnaires pour l’Étranger, 1847, pp. 258-259.

⁵⁷ [SANTOS, João José dos] – *Ob. cit.*, p. 19.

Assim, ainda o próprio João Glama Ströberle; e talvez também alguns dos seus muitos filhos, como João António Glama, cirurgião, que seria testamenteiro de José Teixeira Barreto (1763-1810)⁵⁸.

Por certo, este mesmo - filho de Domingos Teixeira Barreto (ca. 1725-1802), mestre de bem sucedida oficina de douramento e decoração, bem como autor de painéis sacros e retratos e ainda cenógrafo; irmão de João Teixeira Barreto, também do ramo da pintura, decorador com obra individual⁵⁹ além de colaborador do pai⁶⁰ e cedo falecido, três meses e meio antes deste, a 27 de Fevereiro de 1802⁶¹; e sobrinho (e afilhado...) do “Reverendo Conigo Manoel Jozé Teyxeyra Barreto morador a São Domingos”⁶² - estudioso pintor, gravador e coleccionador, conterrâneo e companheiro de Francisco Vieira em Itália⁶³ e tão estimulado pelo Embaixador em Roma, D. Alexandre de Sousa Holstein (1751-1803)⁶⁴.

Ou ainda o lisboeta Raimundo Joaquim da Costa (1778-1862), nomeado Substituto de Desenho por proposta do dito Francisco Vieira, Director da Aula da Real Academia de Marinha e Comércio do Porto – mas avalizado pelo magistério de

⁵⁸ BRANDÃO, D. de Pinho – “Retábulos de Talha Dourada e Painéis de igrejas e capelas da cidade do Porto. Apontamentos e documentos para o seu estudo”, *Alguns Retábulos e Painéis de Igrejas e Capelas do Porto*. Porto: Publicações da Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1963, p. 116.

⁵⁹ FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *O Porto na Época dos Almadás. Arquitectura. Obras Públicas*, vol. I. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1989, p. 110; IDEM – “A Festa da Vida, a Festa da Morte e a Festa da Glória”, *Poligrafia*, vol. II. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1993, p. 116.

⁶⁰ BASTO, A. de Magalhães – *Apontamentos para um Dicionário de Artistas e Artífices que trabalharam no Porto do Século XV ao Século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto – Gabinete de História da Cidade, 1964 (Colec. “Documentos e Memórias para a História do Porto”, vol. XXXIII), pp. 64 e 363.

⁶¹ MORAIS, Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de – *Pintura nos Séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, vol. I. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Agostinho Araújo). Porto: ed. de Autor (policop.), 2001, pp. 103 e 107.

⁶² FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – “Galeria de Portuenses Ilustres. José Teixeira Barreto. Pintor e Gravador Portuense (1763-1810)”, *Boletim dos “Amigos do Porto”*, vol. I, n.º 3-4. Porto: Associação Cultural “Amigos do Porto”, 1953, p. 30.

⁶³ “io parto por dimani per Napoli insieme a Teixeira (...)” – carta de Francisco Vieira (Roma, 8 de Junho de 1796) a Giambattista Bodoni (Parma), cf. ARAÚJO, Agostinho Rui Marques de – *Experiência da Natureza e Sensibilidade Pré-Romântica em Portugal. Temas de pintura e seu consumo (1780-1825)*, vol. II. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Carlos Alberto Ferreira de Almeida). Porto: ed. de Autor (policop.), 1991, p. 114; “Avendo il nostro portoghese Teixeira assai cognito a lei e mio patriote concorso questo anno a Parma, mi prega per mezzo suo e del Sig.^{re} Provato Scutelare a chi mi fara i miei complimenti di sapere se si fa ó si mandano questi quadri”, carta de Francisco Vieira (Roma, 14 de Julho de 1796) a Giambattista Bodoni, cf. IDEM – *Ibidem*, pp. 122-123.

⁶⁴ “(...) hum dos Alumnos q. eu mantenho na mesma Academia á m.^a custa sem q. esta lhe somministre outra couza se não a pouzada e o comodo de estudar copiando os seus gessos, e debuxando o Nú; e assistindo ás praticas, ou dissertaçoens sobre as bellas Artes em geral, e sobre cada huma em p.^{ta} q. o Sr. João de Rossi pronuncia tres vezes por semana na mesma Academia. Este Alumno q. eu sustento na d.^a Academia he hum Leigo Bento chamado Fr. Jose da Encarnação n.^{al} da Cid.^e do Porto q. aqui me appareceu tendo fugido aos seus Padres, os quaes lhe recuzarão barbaram.^{te} todo o genero de assistencia nesta terra a q. veyo attrahido pelo enthusiasmo uncam.^{te} da pintura a q. se applica tão constante, e absolutam.^{te} q. tenho quasi a certeza haja de vir a ser hum dos primeiros da nossa idade nesta profissão.” – cf. carta de D. Alexandre de Sousa Holstein (Roma, 28 de Dezembro de 1791) para Diogo Ignacio de Pina Manique (Lisboa), in MARTINS, F. A. de Oliveira – “A Academia Portuguesa de Belas Artes» em Roma”, *Ocidente*, vol. XVIII, n.º 56. Lisboa: Dezembro de 1942, p. 398.

um outro natural do Porto, Joaquim Carneiro da Silva (1727-1818)⁶⁵, relevantíssima figura de desenhador, gravador, professor e ideólogo do sistema imagético do poder⁶⁶ - o qual, antes de se impor por décadas à cabeça dos gravadores dedicados aos Registos de Santos (com a colaboração da sua filha Camila, note-se) e aproveitar algum negócio também como *marchand*⁶⁷, em breve sucederia ao aplicado ex-benedictino Fr. José da Apresentação (vítima da tísica, como o Portuense), passando a Professor Proprietário.

Em 1826 António José Vieira foi procurador do entalhador Manuel Moreira da Silva na celebração de um contrato com a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim para o risco da sanefa do arco cruzeiro da Igreja Matriz⁶⁸, desmontada nos meados do séc. XX⁶⁹. Desde que a autonomia paroquial fora alcançada, a edilidade era fabriqueira da Matriz e esta surgia fortemente ligada à vida administrativa; por exemplo, em 18 de Agosto de 1822 a primeira eleição directa da Câmara Municipal decorrera na sua sacristia⁷⁰.

Ora Manuel Moreira da Silva era, desde 8 de Maio de 1815, o segundo sogro que teve o já referido Joaquim Rafael, pelo seu casamento com Margarida Emília⁷¹.

E está, além disso, documentado a sua intervenção artística conjunta no burgo portuense pelo menos em dois momentos da maior relevância: “Todo o artefacto desta máquina era de madeira forrada de pannos pintados a transparente, de maneira que pelo deposito de muita luz que havia em maquinismo interno, appareião as côres de que forão pintadas as diversas configurações desta Peça, cujo claro escuro e engraçado

⁶⁵ “Estudou desenho de figura com Eleuterio Manoel de Barros, e architectura civil com Germano Xavier de Magalhães. Em todos os cinco annos do curso de desenho se distinguio progressivamente merecendo no 1.º e 2.º annos o 3.º premio de 10\$ reis, e no 3.º, 4.º, e 5.º annos o 1.º premio de 30\$ reis. Foi seu mestre de gravura Eleuterio Manoel de Barros, e o Portuense Joaquim Carneiro da Silva, que o grande Pombal enviára a Roma á Academia de S. Lucas donde voltára laureado, e como tal nos honrou com a primorosa gravura da Estatua Equestre d’El-Rei D. José, producção que basta para lhe assegurar a mais remota posteridade. Achando-se o snr. R. J. da Costa empregado na calcographia do Arco do Cego, era tão reconhecido o seu merecimento que, por informação de seu mestre E. M. de Barros foi escolhido para Substituto de desenho da Nova Real Academia de Marinha e Commercio do Porto pelo insigne Francisco Vieira Portuense, 1.º Pintor da Côte e Camara e Director da Aula de desenho da mesma Academia, para onde veio em companhia do abalisado Pintor em fins de setembro, e foi por Decreto do 1.º d’outubro do mesmo anno nomeado logar de que tomou posse em 5 de junho de 1804” – cf. RIBEIRO, João Baptista; e CARNEIRO, Manoel José – “Necrologio”, *Diario Mercantil*, ano III, n.º 714. Porto: 4 de Junho de 1862, s/p [2].

⁶⁶ FARIA, Miguel Filipe Ferreira Figueira de – *A Imagem Impressa: Produção, Comércio e Consumo de Gravura no final do Antigo Regime*. Tese de Doutoramento em História da Arte (sob orientação de Agostinho Araújo) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. I. Porto: ed. do Autor, polic., 2005, pp. 53-126.

⁶⁷ VITORINO, Pedro - *Os Museus de Arte do Pôrto (notas históricas)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930, pp. 29-30.

⁶⁸ Vd. Apêndice.

⁶⁹ Em 1940 esse sanefão neoclássico ainda existia – cf. COSTA, Martins da – “Confraria do Santíssimo Sacramento da Póvoa de Varzim (Esboço histórico)”, *Póvoa de Varzim. Boletim Cultural*, vol. XXV, n.º 1. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1987, p. 175 (Fig. 24); mas já não, pelo menos, em 1965 – cf. BRANDÃO, D. de Pinho – “A obra de pedraria da actual Igreja Matriz da Póvoa de Varzim”, *Póvoa de Varzim. Boletim Cultural*, vol. IV, n.º 1. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1965, p. 31.

⁷⁰ AMORIM, M. – “Uma pendência entre a Madre Abadessa de Santa Clara de Vila do Conde e os comerciantes da salga da Póvoa de Varzim”, *Póvoa de Varzim. Boletim Cultural*, vol. XXIII, n.º 1. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1984, p. 27.

⁷¹ FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e – “Joaquim Rafael (...)”, *Art. cit.*, p. 162.

desenho se devem ao conhecido Professor o Sr. *Joaquim Rafael*; concorrendo em grande parte para o bom effeito optico a construcção do madeiramento pelo habil Mestre o Sr. *Manoel Moreira da Silva*, tudo debaixo do risco esboçado pelo Cidadão o Sr. *Antonio Luiz d'Abreu*⁷².

De muito pouco antes, dentro do mesmo entusiástico ciclo comemorativo do primeiro aniversário da revolução liberal, um detalhado testemunho não apenas confirma a dita colaboração como esclarece cabalmente acerca do prestígio do “Painelista de Estória”⁷³ e retratista, bem como (frise-se) da sua eficiente gestão de carreira: “A muita satisfação que os Habitantes desta Cidade patentearão no dia 29 do passado, quando esteve exposto ao Publico o Modello do Monumento dirigido pelo nosso Insigne Patricio *Joaquim Rafael*, mostra o apreço que se faz dos Talentos, e Pericia de hum Artista, que illustra a Patria, e que faz juntar á Lista dos Homens que honrão o Porto, o Nome d’hum Filho tão Benemerito na Profissão da Pintura Historica.

Não he lugar aqui de fazer a resenha de todas as qualidades que fazem sobresahir o mèrito deste Joven Artista: joven lhe chamamos, alludindo mesmo a que desde os primeiros desenvolvimentos da mocidade se fez logo célebre pela originalidade de invenção, maneiras proprias, correção de Desenho, gosto de tintas, e delineação de seus planos.

Fallem por nós os magnificos pannos dos Camarins das Capellas mores – da Lapa – Clerigos – Santa Clara – Monchique – Santa Catarina, etc. -; fallem os Retractos d’El-Rei na Tribuna do Theatro, e na Salla da Relação; fallem as obras que brilhão em casas de muitos Particulares, e fallem finalmente os admiradores do Modello em que fallamos, para dizerem se pôde perpetuar-se com mais nobre expressão o grande Dia 24 de Agosto de 1820.

Temos tambem a dizer, que são dignos de mui merecido elogio os Artistas collabôadores deste Modello, *Manoel Moreira da Silva*, e *João José Braga*: aquelle Architecto de insigne talento, e este Escultor de rara invenção.

Estes três Professores são todos capazes de metter hombros, com honroso esforço, ao prompto desempenho da Obra em grande, se o Modello merecer a Approvação Authorisada que se sollicita, pois que o Ill.^{mo} Senado desta Cidade tomou conta delle para o fazer subir à Presença de Sua Magestade.

Nós observando que as idéas do Publico recebidas naquelle dia 29 de Junho tinhão com effeito dado credito ao Author, lembrámo-nos de que o meio de conservar este credito, he dar reforço á Memoria daquillo que os olhos notarão, e que faz nutrir por mais tempo a lembrança dos Objectos. Neste pressuposto, alcançamos licença de inserir em nosso Periodico a copia do Folheto que este Artista fez imprimir, e distribuio

⁷² *Descrição das Festas Nacionaes Publicas com que huma associação patriotica da Regeneradora Cidade do Porto celebrou os dias nacionaes 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1821. Com a estampa da illuminação.* Porto: Na Imprensa do Gandra, s/d (Folheto e Estampa em lugar de Folha do Dia, como Supplemento ao N.º 121 da *Borboleta*), p. 6.

⁷³ MORAIS, Maria Antonieta Lopes Vilão Vaz de – *Pintura nos Séculos XVIII e XIX na Galeria de Retratos dos Benfeitores da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, vol. I. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Agostinho Araújo). Porto: ed. de Autor (policop.), 2001, p. 128.

pelos Benemeritos da Patria, pelos Membros do Soberano Congresso, pela Regencia, e pelas Authoridades desta Cidade.

Cumpre-nos tambem declarar, que dà honra a seu Author a Narração circunstanciada desta Peça, tanto pelas idéas mais minuciosas que exprime com dignidade, como pela pureza de estillo, e parâfrase dos Versos Portuguezes”⁷⁴.

E em 1830 de novo encontramos o irmão do Portuense ao lado do grande entalhador, que as freiras do convento de Santa Clara de Vila do Conde voltaram a chamar. Encomendaram então os retábulos dos absidiolos, das invocações de S. João Baptista e de S. João Evangelista, ao talentoso riscador da Rua de Santo Ildefonso; e as respectivas imagens a Manuel Joaquim Alves.

Trata-se do patriarca de conhecida família de artistas, os Alves de Sousa Alão. Manuel Joaquim, assistente na Viela do Pinheiro, é identificado como “mestre escultor” pelo menos desde Setembro de 1788⁷⁵ e, tal como aqui se confirma, dedicou-se sobretudo à imaginária sacra.

O seu filho José Joaquim, mais obscuro, terá trabalhado como dourador e estofador. Mas foi um irmão deste, João Joaquim, o principal futor do prestígio dos Alões, tendo chegado a Lente de Escultura, no Brasil, depois de servir a Câmara⁷⁶ e, provavelmente, a Irmandade da Ordem do Terço⁷⁷. O seu mérito, destacável até no contexto nacional, foi também confirmado aquando do minucioso inquérito de um geógrafo italiano: “ Il passe pour un des meilleurs sculpteurs portugais. Depuis plusieurs années il a passé à Rio-Janeiro”⁷⁸.

O lançamento da carreira de João Joaquim muito deve, porém, ao conjunto de encomendas realizado para a igreja nova dos Terceiros de S. Francisco, cuja Mesa ambicionou (e conseguiu) contar com nomes como, entre outros, os de Luigi Chiari, Vieira Portuense e até Joaquim Machado de Castro, num esforço de elevada qualificação de que, em 14 de Dezembro de 1799, se orgulhava bem: “Na verdade posso certificar a V. C. sem exageração que esta é uma das obras mais magnificas desta cidade, e que os próprios estrangeiros louvam, admirando ao mesmo tempo a delicadeza e perfeição da escultura, pinturas e lavores; tendo, para realçar mais esta magnificência, o pátio já coberto de abóbada, sustentada em arcaria, indo-se continuando da mesma sorte todo o vão da capela, a-fim-de se concluir o subterrâneo jazigo, que depois de

⁷⁴ “Porto: 18 de Julho de 1821”, *Borboleta dos Campos Constitucionaes*, n.º 57. Porto: Na Imprensa do Gandra, 19 de Julho de 1821, s/p [1].

⁷⁵ CASTRO, Maria Joana Barbedo Marques Ferreira da Silva Vieira de – *Retábulos Neo-Clássicos do Porto. Uma proposta tipológica*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (sob a orientação de Natália Marinho Ferreira-Alves), vol. II. Porto: ed. Autor (polic.), 1996, pp. 7.

⁷⁶ VITORINO, Pedro – “O Porto da Praça Nova”, *Boletim Cultural*, vol. III, n.º 4. Porto: Câmara Municipal do Porto, Dezembro de 1940, pp. 591-595; e BASTO, A. de Magalhães – “Falamos Velhos Manuscritos - «O Porto da Praça Nova» teve por modelo «O Porto Velho» da Sé?”, *O Primeiro de Janeiro*. Porto: 25 de Maio de 1951, pp. 1 e 5.

⁷⁷ VITORINO, Pedro – *Notícia histórica da Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade da Cidade do Pôrto*. S/l [Porto]: s/n [Irmandade de N.ª Sr.ª do Terço], 1928, p. 32.

⁷⁸ BALBI, Adrien – *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres États de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts parmi les Portugais des deux hémisphères. Dédié a sa Majesté très Fidèle par (...)*, t. II. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, 1822, p. CC.

concluído, ladeado todo de catacumbas, e concentrado de sepulturas, conciliará uma geral admiração a fábrica desta lúgubre morada”⁷⁹.

Assinale-se, enfim e sobretudo, que o nosso inestimável informador de Santa Clara dominante sobre a foz do Ave, que consultou a documentação e percorreu o venerando edifício cerca de seis décadas após os factos, não deixou de acrescentar:

“O quadro do camarim, foi pintado no mesmo anno por Antonio José Vieira Junior, do Porto, por 76\$800 reis ou tanto como desesseis moedas.

Pintava-se barato e mal n’aquelle tempo”⁸⁰.

Apêndice

1826. Julho. 2

Fonte: A.D.P., Núcleo Notarial, Póvoa de Varzim, 3.º cartório, 2.ª série, livro 88, fls. 85-85 v.

“Contracto que faz o Illustrissimo Sennado da Camara desta Villa com Antonio Joze Vieira, como procurador de Manoel Moreira da Silva da cidade do Porto: em 2 de Julbo de 1826.

Saibão os que este publico instrumento de contracto virem, que no anno do nascimento de Nosso Senbor Jezus Christo de mil oito centos vinte e seis, aos dous de Julbo nesta Villa da Povoa de Varzim, em meu escriptorio forão presentes o Illustrissimo Rodrigo Cardozo Barba de Menezes, Fidalgo Cavalleiro da Caza Real, Juis de Fora, e Presidente da Camara desta Villa, e bem assim os veriadores Bernardo Joze da Silva, Joze Antonio Vicente Mouta, e Francisco Rodrigues da Costa Silveira, e o procurador do concelho Manoel Luis de Souza, e com elles Antonio Joze Vieira da cidade do Porto, reconbecidos de mim, e das testemunhas de que dou fe, perante as quaes pelo Illustrissimo Sennado foi dito que querendo fazer hua senefa para o arco cruzeiro da Igreja Matris desta Villa, havião-se contractado com Manoel Moreira da Silva entalbador da cidade do Porto, de lba fazer na forma da planta, ou risco numaro hum, com acrescimo porem de tres palmos e meio para baixo de cada lado, e por baixo do mesmo acrescimo terá seu competente rematte vazado, ficando a faciar com a cornige do arco, por preço e quantia de cento e cincoenta mil reis metal, pago em tres quarteis, o primeiro à factura desta escriptura, o segundo no meio da obra, e o terceiro depois della posta em seu lugar, com condição porem de ser posta em seu lugar the quinze de Septembro deste corrente anno, sendo a mesma posta em seu lugar, e feitas suas despesas à custa delle mestre entalbador,

⁷⁹ BASTO, A. de Magalhães – *Silva de História e Arte (Notícias Portucalenses)*. Porto: Editora Livraria Progredior de Manuel Pereira & C.^a, 1945, pp. 25-26.

⁸⁰ ASSUMPÇÃO, T. Lino d’ – *As Ultimas Freiras. Com uma carta de Antonio Ennes ácêrca das ordens e instituições religiosas*. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.^a – Editores, 1894, p. 24.

ficando a Camara tão somente obrigada a por-lhe prompta a prancha necessaria. O que tudo foi aceito pelo dito outorgante procurador Antonio Joze Vieira, uzando dos poderes da procuração que me apresentou, e fica em meu poder a qual me reporto, ficando ella servindo de parte deste instrumento: e declarão mais que a ferragem, e condução que for necessaria para pôr a mesma obra em seu lugar, será à custa delle mestre entalhador: O que tudo foi aceito pelo dito procurador Antonio Joze Vieira, e por elle foi mais dito que ficava por fiador a esta obra, e dár a ella cumprimento na falta do seu constituinte com as condições supra menciondas por sua pessoa e bens moveis e de rais presentes e futuros sem reserva, e bem assim igualmente aqui hipoteca a esta obra os bens do seu constituinte; E logo pelo procurador do concelho Manoel Luis de Souza foi lançado em cima de huma meza a quantia de conçoenta mil reis que elle outorgante procurador contou, e em si recebeu, e embolçou na minha presença, e das testemunhas, e depois de a ter recebido disse que deste primeiro quartel dava paga, e quitação ao Sennado da Camara. Assim o disserão, outorgarão, e de parte a parte aceitarão, e me requererão o presente instrumento a que forão testemunhas presentes Joze Rodrigues Vieira, e Joze Gomes de Amorim ambos desta Villa que aqui assignarão lido este instrumento por mim Joze de Castro Guimarães tabellião que o escrevi, e assignei

Cardozo Silva Mouta Silveira Souza
Antonio Jozé Vieira
Joze Rodrigues Vieira
Joze Gomes de Amorim
Jozé de Castro Guimarães”.